

## APRESENTAÇÃO

O presente Caderno monográfico da revista *Phainomenon* recolhe as conferências e comunicações apresentadas nas Jornadas Heideggerianas «A caminho de *Ser e Tempo*», que tiveram lugar na Universidade de Évora, a 31 de Maio e 1 de Junho de 2013, no quadro do projecto de investigação «Heidegger em Português», actualmente sediado no Instituto de Filosofia Prática. Nelas participaram, além dos membros do projecto, reputados especialistas internacionais e jovens investigadores do pensamento heideggeriano.

Os dez textos com essa procedência, partem das lições heideggerianas anteriores a 1927, para tematizar algumas das questões que esclarecem a génese conceptual, estrutural e metodológica de *Ser e Tempo*: a questão da intuição na transformação da intencionalidade husserliana (Xolocotzi), a indicação formal enquanto instrumento metodológico, nesta primeira fase do pensar heideggeriano (Rodríguez), a configuração das noções fenomenológicas de afectividade (Borges-Duarte) e de cuidado (Pacheco) com base nas Lições sobre Agostinho de Hipona, a vida fáctica como esfera pré-teórica do que «há» (Iezzoni), a elaboração da noção de impessoal (*das Man*), em contraste com Scheler (Sá) ou a de «ipseidade mundana» em oposição a Natorp (Mariani), a prefiguração de noções tardias como a de *Geviert* no confronto com Cassirer (Sylla), o papel de Kant na estrutura da obra de 1927 (Villevieille) e as implicações éticas da finitude (Araújo). A estes estudos, une-se o trabalho de Mafalda de Faria Blanc, que embora produzido independentemente das Jornadas, se articula com a preocupação básica daquelas, ao enfrentar-se com o «programa» da filosofia heideggeriana.

Nos contributos em língua portuguesa, respeitou-se a opção dos autores relativamente à adopção ou não do novo acordo ortográfico. Em todos os artigos, manteve-se a forma original de citar de cada autor, incluindo ou não bibliografia final.

O Caderno termina com um texto breve de Heidegger, em tradução portuguesa de Ana Falcato, produzida no âmbito do projecto «Heidegger em Português» PPCDT/Fil/60600/2004. Trata-se duma conferência proferida em Junho de 1945, nas imediações do castelo de Wildenstein, sobre o vale do Danúbio, no acto de encerramento do curso desse semestre, que teve lugar

nesse cenário, devido ao avanço das tropas aliadas em território alemão. O contraste deste escrito com o estilo, metodologia e problemáticas dos trabalhos anteriores a *Ser e Tempo* recorda a riqueza dum pensamento que se torce ou vira sobre si próprio, sem deixar de acentuar sempre a importância da palavra e, muito especialmente, do dizer poético como articulação da verdade. Friedrich-Wilhelm von Herrmann, responsável pela sua publicação no volume 10 (1994) da revista *Heidegger-Studies*, que serviu de base à presente tradução, refere que o manuscrito original se integra numa compilação de textos e materiais, procedente dos anos 1943/44, que deveria ver a luz no volume 73 da *Gesamtausgabe*, intitulado *Zum Ereignis-Denken*. De facto, este volume, editado em 2013 por Peter Trawny, inclui dois escritos com esse nome. Um primeiro, muito breve, entre as páginas 710 e 712, faz parte dum conjunto intitulado “Hört die Sprache des Gesprächs. Die Armut. Der Grundton.”, e corresponde ao texto publicado por primeira vez em 1992, na edição anual da Martin-Heidegger-Gesellschaft. O segundo, mais extenso, sob o título “Die Armut. Bei uns.” (p. 871-881), corresponde, de forma geral, ao que foi editado nos *Heidegger-Studies* e agora aqui se oferece em versão portuguesa. Deste simples cotejo infere-se que o texto procede da meditação sobre Hölderlin, nos anos da guerra e no quadro do que os *Beiträge zur Philosophie. Vom Ereignis* (1936/38, hoje em GA 65, 1989) haviam designado como *Ereignis-Denken*, o pensar que é ele próprio o propiciar-se da apropriação recíproca do ser e do seu «aí». Este pensar acontece ele mesmo numa tonalidade afectiva ou tom de fundo de especial acuidade. A afectividade, tema que Heidegger estuda como existenciário desde os anos vinte, propicia a abertura compreensiva da existência a um mostrar-se do ser na sua máxima autenticidade, tal como se dá na palavra poética: «A pobreza é o tom de fundo da linguagem do diálogo poético, em que o Ocidente chega à sua língua» (GA 73.1, 708). A questão da pobreza revela-se, assim, como a de uma tonalidade afectiva, em que o ser-no-mundo à maneira do Ocidente se põe a descoberto, graças à palavra poética, que produz o dizer em que se articula o que somos. Mas embora motivada pela situação vivida em 1945, a meditação de Heidegger transcende a sua actualidade para desafiar a nossa, num chamamento a pensar o sentido da necessidade e da liberdade, na sua essência.

A Organizadora

Irene Borges-Duarte